



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PROHIS
Mestrado Acadêmico em História

Autoavaliação para o quadriênio 2021-2024

São Cristóvão-SE

2022

A autoavaliação do Programa é fundamental no processo de planejamento das ações estratégicas. O presente Relatório apresenta duas ações realizadas, em 2021, como parte desse processo: resultado da avaliação discente realizado pela Coordenação e o Relatório da professora Dra. Fabiana de Souza Fredrigo (UFG), membro externo da Comissão de Autoavaliação do Programa de Pós-Graduação em História – PROHIS.

No ano de 2020, foram realizadas amplas discussões no âmbito do Comitê de Humanidades da UFS (composto pelos coordenadores dos cursos de pós-graduação da área de Humanidades) preocupado em definir elementos e diretrizes sobre o processo e sentido da autoavaliação, procedimento que deveria ser adotado por todos os programas de pós-graduação. Orientação prudente foi aguardar a elaboração, por parte da Pró-Reitora de Pós-Graduação (POSGRAP), a resolução de procedimentos que permitisse uniformidade institucional a esse processo, ainda que respeitando as áreas de conhecimento específicas, o que ocorreu em fins de 2020, em documento intitulado Sistema de Autoavaliação Institucional dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu da UFS, disponível em http://posgrap.ufs.br/uploads/page_attach/path/11116/IN_02_2020_POSGRAP_Sistema_de_Auto_Avaliac_a_o.pdf, em que são definidas as funções e competências da comissão de avaliação, formada pelos docentes do Colegiado do Programa, que ficará responsável pela realização sistemática de formas de avaliação, inclusive com a determinação da presença de um avaliador externo. A composição da comissão faz parte das discussões do colegiado e sua organização bem como a deliberação do membro externo a acompanhar os processos avaliativos do PROHIS, que serão definidas em reuniões do Colegiado para estabelecimento em 2021.

Após essa resolução, o PROHIS formulou questionário, aplicado pelo *Google Form*, contendo perguntas que envolviam três dimensões de avaliação consideradas fundamentais para indicar o nível de satisfação e ao mesmo tempo revelar problemas e distorções a serem corrigidas, no entendimento de que avaliação serve para diagnosticar uma realidade e mobilizar para a ação visando melhorias. Constituíram itens de avaliação Infraestrutura, Formação Discente e Produção Intelectual. No quesito Infraestrutura, ficou-se, obviamente, condicionado à manifestação daqueles que antes da pandemia puderam assistir às aulas de modo presencial (antes de 15 de março de 2020) e vivenciar rotina de acadêmico, como, por exemplo, acesso à Biblioteca e ao Laboratório de Pesquisa Histórica. Os resultados de 20 formulários preenchidos, apontaram a avaliação abaixo:

		Insatisfeito %	Pouco Satisfeito %	Satisfeito %	Muito Satisfeito %
Infra- estrutura	Salas de Aula	0	11	35,02	52,94
	Biblioteca	0	0	47,05	52,9
	Coordenação	0	0	17,64	76,47
Formação discente	PLANEJAMENTO E GESTÃO DAS ATIVIDADES DE ENSINO (planejamento, revisão e organização dos conteúdos)	0	17,64	25,31	57,05
	DIDÁTICA (emprego dos materiais e técnicas para ensino, assiduidade e				

	pontualidade, clareza na explicação dos conteúdos e orientação de trabalhos nas disciplinas)	0	29,45	41,1	29,4
	COMUNICAÇÃO (interação, diálogo e bom relacionamento acadêmico, postura ético-profissional, respeito)	11	23,5	29,9	35,2
	AVALIAÇÃO (formas de avaliação adequadas e compatíveis aos objetivos das disciplinas, e retorno de análise do desempenho do aluno)	23,5	35,2	41,1	0
	Se as disciplinas obrigatórias e optativas contemplavam ou não o desenvolvimento do tratamento dos temas de pesquisa das linhas de pesquisa e se eram adequadas ou não aos objetivos do Programa no cotejamento das linhas de pesquisa.				
	- Obrigatórias	0	17,64	17,66	64,7
	- Optativas	0	11	52,9	35,2
Produção Intelectual	OPORTUNIDADES DE PUBLICAÇÃO EM PERIÓDICOS DA ÁREA	5,8	23,5	35,2	35,2
	OPORTUNIDADES DE PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS QUE RESULTEM EM PRODUÇÃO INTELECTUAL (resumos, resumos completos em anais, periódicos)	5,8	11	23,5	58,8
	OUTRAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS (minicursos, oficinas, palestras, ações na rede de ensino e ações voltadas para memória e história)	5,8	5,8	52,9	35,2

Em cada item, o mestrando podia tecer comentários pontuais sobre a questão em análise, detalhando e emitindo sua opinião. Destaca-se, como crítica, o apontamento para disciplinas muito focadas na pesquisa do docente ministrante e a ausência de estímulo do orientador para o mestrando publicar, aspectos que foram levados a reunião do Colegiado e já pensadas algumas soluções como a obrigatoriedade de publicação de artigo como requisito para defesa. Pela exigência da Resolução 04/2021/CONEPE, que “Estabelece normas da pós-graduação e dá outras providências” (https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/documentos.jsf?lc=pt_BR&id=735&idTipo=3) se faz necessária a adequação dos regimentos internos de cada programa a esse novo documento, no ano de 2021, quando esta pauta será mais bem tratada e resolvida. Dos resultados obtidos pelas respostas dos 20 discentes, foram indicados os itens que merecem atenção e elaboração de estratégia do programa para sua melhoria e que pautaram as discussões que visam a elaboração de plano político e estratégico com as principais linhas de ação e de programação específica de atividades para os próximos quatro anos.

Relatório de membro externo da Comissão de Autoavaliação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS-UFS)

Professora Dra. Fabiana de Souza Fredrigo (UFG)

I. CREDENCIAIS

Estive na gestão do Programa de Pós-Graduação em História da UFG (PPGHUFG) desde 2016, quando o Professor Dr. Marlon Salomon era o coordenador, cargo no qual o sucedi. No primeiro biênio (2017-2018) do quadriênio recém finalizado (2017- 2020), atuei como coordenadora, tendo como vice o Professor Dr. Jiani Fernando Langaro. No biênio final (2019-2020), com a aprovação da coordenadoria, invertemos a composição da coordenação, mantendo nossos nomes, por consideramos a importância, para a avaliação CAPES, da continuidade do trabalho que desenvolvíamos. Assim, assumi como vice-coordenadora enquanto o Professor Jiani Fernando Langaro tornou-se coordenador do PPGH. Dessa maneira, mantive-me na gestão do Programa durante os quatro anos que ainda serão avaliados pela CAPES. Isso nos concedeu, a mim e ao Professor Langaro, a oportunidade de acompanhar o debate sobre a pós-graduação brasileira em distintos fóruns, bem como de assistir aos ajustes e mudanças para a implementação da avaliação multidimensional.

Antes desse período transcorrido entre 2017-2020, já havia sido coordenadora do PPGH-UFG, exatamente no triênio em que nosso Programa alcançou o conceito 5 na Avaliação CAPES. Dessa maneira, também lidei com gestões diferenciadas no âmbito das Coordenações de Área. Em razão disso, estive presente quando compunham a Comissão de Área CAPES (História) os Professores Carlos Fico (UFRJ), Cláudia Wasserman (UFRGS) e Marcelo de Souza Magalhães (UNIRIO) e, depois, quando assumiram os Professores Cláudio Henrique Batalha (UNICAMP), Ricardo de Aguiar Pacheco (UFRPE) e Cristiani Bereta da Silva (UDESC). Entre 2013-2016, ocupei, em minha instituição, o cargo de Pró-Reitora Adjunta da PRPG e Coordenadora Geral de Pós-Graduação da UFG, assessorando o Pró-Reitor de Pós-Graduação, Professor Dr. José Alexandre Felizola Diniz Filho – que, por sua vez, já assumira cargo de coordenador de Área e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ecologia da UFG, conceito 7 na CAPES. Por meio dessa trajetória, conheci, interna e externamente, a política voltada à 2 pós-graduação no Brasil, além de interagir, colaborar e aprender com colegas de áreas diversas. Sem dúvida, a experiência me credencia para avaliar o trabalho realizado no campo das Ciências Humanas, especialmente no que se refere à formação de recursos humanos altamente qualificados, a fim de estabelecer o desenvolvimento institucional e nacional.

II. PROGRAMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E RELATO DAS ATIVIDADES

Fui convidada pela Coordenação do PROHIS para integrar, como membro externo, a Comissão de Autoavaliação do Programa. Na semana de minha visita

presencial, ocorrida entre 01 e 03 de dezembro de 2021, constaram da programação as seguintes atividades: (1) visita às dependências da UFS; (2) reunião com os docentes do Programa; (3) reunião com os discentes do Programa; (4) participação (como ouvinte) no Seminário promovido pelo PROHIS, ocasião em que dissertações já defendidas foram apresentadas por seus respectivos autores.

Antes mesmo de chegar em Aracaju, a Coordenação disponibilizou-me os seguintes documentos para leitura: (1) síntese geral com as informações centrais sobre o Programa¹, a saber: histórico, inserção na região, perfil do corpo docente e discente, trabalhos defendidos, projetos de pesquisa e extensão em andamento, entre outros relevantes dados; (2) Planejamento estratégico do Programa; (3) resultado do último questionário aplicado aos discentes do PROHIS, um dos instrumentos de autoavaliação escolhidos pela Coordenação; (3) Instrução Normativa n. 02/2020 – POSGRAP, que estabelece procedimentos para a Autoavaliação Institucional dos Programas de Pós-Graduação stricto sensu da UFS. Além desse material, em razão de meu trabalho na gestão, já tinha conhecimento: (1) do Documento de Área e (2) da Ficha de Avaliação, ambos produzidos pela Comissão de Área da História e aprovados pelo CTC-CAPE; (3) da publicação intitulada “Autoavaliação de Programas de Pós-Graduação”, relatório elaborado pelo GT CAPES e disponibilizado em 2019, cujo objetivo era apresentar uma proposta para autoavaliação, como o próprio título indica. Também li a última Ficha de Avaliação do PROHIS/UFS e pude conversar, demoradamente, com os Professores Doutores Edna Maria Matos Antonio e Fabio Mazza, respectivamente coordenadora e vice-coordenador do PROHIS-UFS. Durante esse processo de aproximação com o cotidiano do PROHIS, visitei as páginas do Programa e da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFS.

Nas reuniões realizadas, tanto na POSGRAP como no PROHIS, senti-me devidamente amparada pela documentação disponibilizada e pelas informações retiradas de buscas em diversos sites à disposição, como o da UFS, o da CAPES ou, ainda, o da Plataforma Lattes – CNPq.

2.1. Sobre os procedimentos e a realização das atividades

Como membro externo da Comissão de Autoavaliação do PROHIS, em obediência ao § 2 do Art. 1º da Instrução Normativa 02/2020/POSGRAP, ficou estabelecido que, da observação e do diálogo com os distintos atores do PROHIS, elaboraria um relatório, apontando o verificado e, na medida do possível, trazendo considerações e sugestões acerca do cotidiano observado. Estava explícito para os envolvidos que minha função era a de colaboradora (eu integrava a Comissão), embora o olhar externo me permitisse algum distanciamento, muito válido quando usado com parcimônia. Em variadas circunstâncias, pude trocar experiências, a partir dos procedimentos instaurados em meu próprio Programa de Pós-Graduação e na

¹ Para a elaboração deste relatório, acompanho, de perto, o descrito em dois documentos, especialmente: a síntese da proposta do Programa (que serviu de base ao próprio Relatório Sucupira) e a ficha de avaliação de 2017. Esses documentos me guiaram durante as atividades no PROHIS. Dessa maneira, penso que é válido cotejar o descrito nos documentos do Programa e o observado no contato com docentes, discentes e gestores da UFS.

minha IES. Essa troca de experiência, certamente, compõe o registrado neste relatório.

Dessa maneira, durante minha visita ao PROHIS e à UFS, importava-me: (1) auxiliar na detecção das potencialidades e fragilidades do Programa, no que diz respeito à infraestrutura, aos recursos didáticos, à formação e à ambiência geral do Programa; (2) discernir acerca da observação para, sobretudo, compreender de que modo os distintos corpos que integram o Programa – discente, docente e técnico – enxergam suas próprias potencialidades e fraquezas, bem como os recursos e meios à sua disposição para fortalecimento e consolidação do PROHIS; (3) contribuir, apoiando-me no olhar externo e nas experiências vivenciadas em meu Programa e em outras instâncias institucionais, com sugestões que sirvam ao aperfeiçoamento das práticas docentes e de orientação; (4) colaborar com a integração entre os envolvidos no processo de autoavaliação.

2.2. Impressões e esclarecimentos sobre a “aproximação imediata” com o PROHIS

É essencial elucidar que, em minha compreensão, não é papel da autoavaliação tratar da produção intelectual do Programa, em seu aspecto quantitativo. Explico: a produção docente e discente deve ser controlada pela Coordenação dos Programas, com o auxílio de suas Comissões de Credenciamento e Recredenciamento Docente e, ainda, da Comissão de Bolsas, para o caso dos discentes. A autoavaliação exige um olhar holístico, integrado, orgânico, em que a produção, intelectual e/ou técnica (essa última, até pouco tempo, bem menos requisitada pela Área de História), é um elemento importante desde que observada em conjunto com os demais indicadores de qualidade do Programa. Em meu entendimento, tais indicadores são aqueles dados que sustentam um projeto de formação e viabilizam o impacto do Programa em níveis local, regional, nacional e, quiçá, internacional.

Igualmente, é importante esclarecer que minha passagem pelo PROHIS foi rápida, a despeito da preparação para o trabalho. Conforme mencionado, foram três dias preenchidos por visitas para a observação do espaço e por reuniões voltadas, sobretudo, à escuta – compreender como o grupo se avalia é instrumento poderoso para indicar os horizontes de planejamento.

Um último esclarecimento tem relação com a ideia que formei, a partir da leitura dos documentos disponibilizados. Antes mesmo de qualquer avaliação detida, é preciso anunciar que tal ideia foi confirmada durante a visita, qual seja: a de que o PROHIS é um Programa novo, que segue para a sua segunda avaliação – não contabilizo aqui a análise realizada da Proposta do Curso à CAPES, o APCN – e, portanto, absorveu, rapidamente, críticas e sugestões da última ficha de avaliação, trabalhando para se estruturar e orientando-se por um planejamento cujo objetivo é o de alcançar o conceito 4. As mudanças e intervenções assinaladas no documento síntese do Programa dialogam com o apontado pela ficha individual de avaliação do último quadriênio, publicada em 2017. Por exemplo, nesse documento, como se pode constatar, o item 1.3, que trata da infraestrutura, obteve “fraco” na avaliação. Faço notar, como veremos adiante, que se buscou resolução às críticas endereçadas a tal

questo. Pareceu-me que o mesmo ocorreu com outros itens da ficha de avaliação individual.

Como é sabido, a publicação da avaliação CAPES é essencial porque é a oportunidade para que os Programas estabeleçam seus checklists, indicando, a partir da ciência de pontos fortes e fracos, estratégias para o planejamento do quadriênio seguinte. Com a autoavaliação, pretende-se que essa ação diagnóstica e propositiva se torne permanente, contando com o auxílio das Pró-Reitorias e de colegas externos ao Programa, que trazem (e levam) contribuições de suas respectivas ambiências. Não obstante, é o grupo que vivencia o Programa – corpo docente, discente e técnico – que aponta os melhores caminhos, quando atinge a maturidade avaliativa, uma vez que é isso o que lhe permite explicitar, coletivamente, o que pode fazer, como pode fazer e onde quer chegar. A resposta a essas três questões deve sustentar as reflexões sobre a autoavaliação e o planejamento.

Com a visita, pude verificar que as mudanças descritas no documento síntese realmente surtiram efeito, pois foram confirmadas nas diversas falas durante as reuniões e, igualmente, na apresentação das dissertações por parte dos ex-alunos. Exclusivamente sobre o seminário, cujo propósito era escolher as melhores dissertações do PROHIS, cabe reiterar a qualidade dos trabalhos apresentados e sua diversidade – destaque que esse também foi um item criticado na última ficha de avaliação do PROHIS, tendo recebido “regular”. Conforme assistia à apresentação dos trabalhos, não apenas notei a contribuição local e regional, como registrei a presença de trabalhos inseridos em projetos internacionais em rede e ainda outros que vinculam história medieval e colonial, associando a história de Sergipe – e adjacências – à história do Brasil. Tendo vindo do Centro-Oeste, é impossível não demarcar a importância de uma produção historiográfica local e regional em diálogo com os espaços nacional e internacional. Há temas regionais importantíssimos que, pesem as facilidades da internet, ainda lidam com arquivos cujos acervos não digitalizados esperam por jovens pesquisadores com acesso facilitado por sua presença (e vivência, no sentido de experiência comunitária) no local. As regiões próximas, que também aparecem nas pesquisas dos discentes, guardam relação com a fala de docentes que, na reunião, registraram a importância do PROHIS na formação de alunos advindos do Norte da Bahia, Alagoas e interior do Sergipe.

2.3. Visita às instalações da UFS

Acompanhada pelo Professor Fabio Mazza, pude visitar as instalações do PROHIS: sua secretaria, o Laboratório de Pesquisa Histórica e o prédio direcionado às salas de aula da Pós-graduação (Didática IV). Na visita, verifiquei que a secretaria conta com uma funcionária terceirizada e o Laboratório com um aluno-monitor. Os espaços pareceram-me adequados, o que confirma o registrado nos documentos. De acordo com o texto síntese sobre o PROHIS, no aspecto infraestrutura, o Programa avalia-se “plenamente atendido”, a considerar a “disponibilização, em 2018, de um prédio voltado à Pós-graduação”. No Laboratório, chamou-me a atenção a variedade de material, que, com certeza, serve à pesquisa histórica. Cheguei a perguntar ao Professor Fábio sobre a possibilidade de digitalização da documentação lá existente, por meio de projeto apresentado à agência de fomento estatal. Fizemos também uma

visita à Biblioteca e o acervo, que sempre pode (e deve, a considerar a existência de um curso de Ciências Humanas) ser ampliado, pareceu-me muito bom. Este tema, o da biblioteca e seu acervo, apareceu na reunião com os alunos, quando mais de um deles referendou a qualidade do espaço da biblioteca e do acervo à disposição.

Nesse mesmo dia, fomos, eu e o Professor Fábio, à POSGRAP, tendo sido recebidos pelo Pró-Reitor e pelo Adjunto, que nos esclareceram sobre as últimas notícias da Avaliação Quadrienal – àquela circunstância ainda não havia resultado da interposição da CAPES à Justiça – e trataram de suas perspectivas para atender os Programas de PósGraduação, em razão de duas reivindicações essenciais: (1) a disposição de corpo técnico concursado; (2) uma melhor divisão de carga horária para os docentes que têm de atender à graduação e à pós-graduação, além de orientar e assumir demais atividades, como é regra nas IFES – o item 2.2 da última ficha de avaliação tem relação direta com essa segunda demanda, valendo notar que o PROHIS alcançou “regular” em tal quesito.

O Pró-Reitor ainda contextualizou a Pós-Graduação na UFS e sua importância para o Estado e apresentou-me a Plataforma Stela Experta, que permite um “raio-x” de vários indicadores do Programa (produção, matrícula, orientação), comparando-os com a média nacional dos Programas de Pós-Graduação, no estrato a que pertence o Programa interessado ou em outros estratos (acima, por exemplo), já que o objetivo é diagnosticar e planejar, tencionando alcançar um melhor conceito. Considerei que o acesso dos coordenadores de PPGs a essa Plataforma permite-lhes ter diagnóstico claro e atualizado para ser periodicamente repassado e discutido com os docentes. Para a autoavaliação e planejamento – atividades conectadas, a meu ver –, a Plataforma é um recurso tecnológico facilitador e promissor.

2.4. Reunião com os docentes do PROHIS

A reunião com os docentes transcorreu em clima absolutamente tranquilo e cooperativo. Passo a indicar as principais questões colocadas pelos professores para, no item final deste relatório, retomar algumas delas, ao lado de sugestões. Antes, porém, gostaria de ampliar as anotações sobre o que retirei dos documentos do Programa como ações assertivas que visaram à melhora organizacional e formativa do PROHIS. Note-se que tais ações interagem entre si, permitindo ao Programa afinar suas características próprias. Assim, destaco a:

- escolha revista e aprimorada dos temas das linhas de pesquisa e a adequação das dissertações;
- presença de projetos e grupos de pesquisa inseridos em redes internacionais – apesar de a internacionalização passar a ser requisito para programas 6, há nessa associação em rede uma particularidade já apontada²;

² Refiro-me, aqui, à proveitosa associação entre projetos internacionais, orientação e dissertações defendidas. Como venho fazendo ao longo deste relatório, destaco um item na última ficha de avaliação, que, por motivos variados, merece atenção. Para o caso que interessa nesta circunstância, dou ênfase ao 5.2, que trata da integração e cooperação com outros centros, programas e redes. Nesse item, o PROHIS recebeu avaliação “regular”, em 2017.

- reforma curricular de 2018, que voltou sua atenção às disciplinas optativas, ajustando-as quanto ao tema e à nomenclatura, como recurso para estabelecer correlação mais judiciosa com as linhas de pesquisa. O tema das disciplinas apareceu também na reunião com os alunos e, segundo o que pude captar, é bem recebida a medida de aproximação entre disciplinas, linhas de pesquisa e temas das dissertações;
- presença de docentes de outras áreas. Nesse quesito, merecem atenção especial os temas ligados ao Patrimônio cultural, à Arquitetura, às Artes e à religiosidade (também no âmbito do patrimônio). Tais temas permitem apostar em uma produção intelectual e técnica de impacto para a região, considerando a importância que a avaliação multidimensional tem dado a esse aspecto (basta conferir documento de área e ficha de avaliação). Reforço a importância dessa ação, que pode mudar positivamente a avaliação do Programa, especialmente nos quesitos relacionados à inserção e impacto³;
- diversidade formativa dos docentes (não só pelo narrado na síntese, mas pelo constatado em reunião) que converge para ampliar o conhecimento histórico. Parece-me que isso contribui à recepção de alunos com temas tão distintos e advindos de outras localidades. Nesse sentido, o corpo docente convenceu-me de seu alinhamento, mostrando-se internamente confortável. Há, como anotei, convergência entre as pesquisas e disciplinas dos historiadores e dos colegas de outras áreas. Aliás, esses últimos, inclusive, pensam em como orientar suas disciplinas aos interesses propriamente históricos – como me pareceu ser o caso do comentário de uma possível disciplina que, a partir das Letras, pudesse discutir as “alegorias do Brasil”.
- As falas docentes na reunião confluíram, então, a síntese seguinte reforça as convergências, afastando as repetições. A pretensão é indicar temas e análises que expressem posições do grupo, tais como as pude captar.
- De forma geral, os docentes destacaram seu envolvimento com o Programa. Trata-se de um grupo pequeno e a participação nas comissões administrativas, na orientação e na oferta das disciplinas gera sobrecarga, o que confirma que a proposta ouvida do Pró-Reitor e registrada anteriormente (a expectativa de distribuir com mais equidade a carga horária) não deve escapar do horizonte da política institucional do Programa nas instâncias superiores.
- Como adiantado, o grupo, em sua totalidade, registrou a diversidade da formação docente e o conforto e colaboração entre historiadores e profissionais de outras áreas.
- O grupo avaliou como ponto positivo a recepção de alunos do Norte da Bahia, de Tocantins, de João Pessoa e do interior de Sergipe. Fizeram questão de indicar que, não fosse o PROHIS, muitos dos mestrandos formados não teriam condições de realizar o curso em outros Programas,

³ Na última avaliação, o item 5, em seu conjunto, que examinava inserção e impacto, foi o que recebeu crítica mais densa por parte dos avaliadores.

por uma questão econômica e geográfica. Esse dado foi confirmado pela avaliação dos discentes, quando da realização da reunião em separado.

- Registrou-se a recepção e disseminação das pesquisas do PROHIS na imprensa sergipana, dada a realização de trabalhos de interesse da sociedade regional. Os docentes também compreendem que a recepção e a disseminação dos trabalhos revelam o impacto do Programa e sua relação com o poder público, visto que as pesquisas lidam com temas de interesse dos arquivos públicos e do Judiciário.
- Fui perguntada sobre minha percepção pessoal quanto à interdisciplinaridade manifesta no Programa. Embora pense que este relatório já venha indicando minha posição, é preciso reforçar que não tenho dúvidas de que o PROHIS atende aos requisitos de um Programa de Pós-Graduação em História, sendo a interdisciplinaridade muito bem-vinda. Essa é bem-vinda por dois motivos também já listados: (1) da forma como se desenvolve a interdisciplinaridade no PROHIS, há diálogo, convergência e enriquecimento da perspectiva histórica; (2) a interdisciplinaridade, no caso do PROHIS, abre espaço para um importante trabalho técnico que pode resultar em impacto regional para a cultura e desenvolvimento (até do turismo, que ainda não havia apontado).
- Os docentes, de forma unânime, registraram a contribuição da formação do PROHIS à Educação Básica. Os mestres da UFS atuam na rede pública, segundo os docentes e são responsáveis pela melhoria do ensino na área.
- Colocaram como desafio o aprofundamento dos laços entre Graduação e PósGraduação. Além da questão da carga horária, aventou-se que há colegas que podem ser ainda credenciados no PROHIS, no sentido de apoiar a consolidação do Programa.
- Para os docentes, o PROHIS cumpre, no Estado, além de papel formativo, função de ser espaço que amplia as possibilidades empregatícias; ou seja, a pósgraduação promove ascensão e mobilidade social.
- Os docentes fizeram questão de se posicionar contrariamente às alegações – de certa forma, constantemente ouvidas e, por isso, incômodas – de que a pósgraduação representaria a “perfumaria” do sistema ou, ainda, de que a UFS é uma “universidade sertaneja”. Durante a reunião, foi mencionado como a expansão virtual, antes mesmo da pandemia, oferece possibilidades de contato e trabalho em rede, tornando as fronteiras fluídas. O trabalho já em desenvolvimento no PROHIS comprova a avaliação dos docentes e sua disposição para fazer valer o contato nacional e internacional.
- A avaliação da reforma curricular de 2018 é positiva, da parte dos docentes. Sublinharam que, pesem as dificuldades metodológicas e de escrita observadas desde o processo seletivo, as disciplinas obrigatórias e optativas agregam aos mestrandos, preparando-os para a escrita de seus trabalhos.

2.5. Reunião com os alunos

Para tratar da reunião com os alunos, penso que o item deve principiar com a anotação sobre a maneira pela qual a autoavaliação foi recebida pelos discentes. Entre eles, houve unanimidade quanto à avaliação proveitosa de terem sido chamados para tratar de seu cotidiano no PROHIS, contando, inclusive, com uma escuta externa. Em minha compreensão, essa informação, além de relevante, deve ser bem aproveitada. Ou seja, o entusiasmo e a contribuição dos estudantes podem fomentar reuniões periódicas entre a coordenação (talvez, representada por uma comissão de autoavaliação) e os discentes, visando à autoavaliação. Junto dos questionários utilizados como instrumentos de autoavaliação, tais reuniões podem aproximar os alunos entre si, levando-os a dialogar sobre problemas comuns que, muitas vezes, passam a ser resolvidos entre eles, sem o desgaste da coordenação. Desde já, parece-me fundamental apontar que a coordenação, salvo uma intervenção, foi avaliada como “maravilhosa”; “receptiva”; “atenta às demandas e ao diálogo com os alunos”; atuante durante a pandemia, “permitindo a manutenção do calendário e a organização dos alunos”. Todas essas falas consideraram os limites envolvidos no sistema virtual imposto pela emergência de saúde pública. Ao lado da coordenação, Fernanda, a representante discente, foi muito elogiada. Foi gratificante notar que ela atuou como uma “ponte” entre o PROHIS e os alunos, auxiliando, orientando e intervindo sempre que demandada. Minha impressão foi a de que a comunicação entre os discentes funcionou muito bem, durante a pandemia.

Antes que eu tivesse um espaço reservado com os alunos, a Coordenação do PROHIS – representada pelos Professores Edna Matos e Fábio Mazza – apresentou o resultado do questionário respondido pelos discentes, trazendo, inclusive, propostas para a solução de problemas apontados pelos discentes, a serem discutidas com a Coordenadoria do Programa. Destaco duas propostas que me pareceram acertadas e viáveis, ainda mais porque as questões que as demandaram reapareceram durante a reunião: (1) a solicitação aos docentes de ementas mais detalhadas para que a escolha das disciplinas, por parte dos alunos, não incorra em erro e contribua com as pesquisas por eles desenvolvidas; (2) a avaliação quanto à viabilidade de oferta de disciplinas no noturno, como forma de atender aos alunos que trabalham.

Feita essa breve introdução, a partir de agora, para o relato da reunião com os discentes, utilizarei o procedimento anteriormente verificado. Assim, apontarei questões gerais e convergências, afastando as repetições. É importante considerar, outrossim, que algumas das questões colocadas foram enunciadas por um ou dois discentes. Apesar disso, para os fins deste relatório, julgo importante o relato de todas as colocações que consegui anotar. É certo que deve ser relevada a perda de uma outra informação que, porventura, não tenha conseguido armazenar.

- De forma geral, houve apontamentos positivos e negativos em relação à oferta das disciplinas. Os alunos consideram que há disciplinas que se preocupam com os temas de pesquisas desenvolvidos pelos discentes, mas também há disciplinas vigorosamente monotemáticas que são pouco aproveitadas. Dessa maneira, os alunos caracterizam da seguinte forma o “extremo”, no que diz respeito às disciplinas: (1) ausência de diálogo com as pesquisas dos discentes; (2) discussão teórica carregada; (3) curso ministrado por professor externo que não se inteirou das particularidades

do Programa; (4) desconsideração da presença de discentes de outras áreas. A crítica maior recaiu sobre as disciplinas optativas, então, tenho a esse respeito quatro considerações: (1) a medida de esclarecimento e aprofundamento do texto das ementas para uma escolha mais direcionada, parece capaz de sanar parte dos problemas; (2) os alunos precisam ser esclarecidos ou lembrados, com constância, do significado e do lugar das disciplinas optativas no currículo do PROHIS; (3) os docentes podem e devem examinar as alegações da especialização temática, considerando ampliar problemas teóricometodológicos, quem sabe, usando a perspectiva comparativa e o trabalho conjunto entre colegas do Programa; (4) pode-se sugerir como prática uma discussão informal, entre orientadores e orientandos, sobre a escolha das disciplinas, a cada início de semestre.

- O processo seletivo foi elogiado em sua lisura e democratização. Entretanto, surgiu como tema o fato de os discentes, ainda quando candidatos durante a inscrição, apenas poderem escolher linhas e não orientadores. Entendo que a escolha de orientadores não pode ficar a cargo dos discentes apenas, mas uma consulta à POSGRAP e à Procuradoria da UFS contribuiria, a meu ver, para avaliar a possibilidade de indicação de orientadores por parte dos candidatos (uma lista de três nomes, por exemplo), que pudesse ser considerada no momento de distribuição interna às linhas de pesquisa. No Edital, a possibilidade poderia ser regulamentada, deixando-se claro que a decisão final cabe à Linha de Pesquisa, em conjunto com a Coordenação. Junto dessa questão, problemas de orientação foram relatados, tanto os que resultaram na troca de orientação mais de uma vez, quanto nos que levaram ao atraso na realização da pesquisa.
- A pandemia apareceu como elemento gerador de ansiedade, afetando prazos e prescrevendo limites à pesquisa. Esse cenário se impôs nacionalmente, não há o que fazer senão reiterar a necessidade de acolher as perdas, no âmbito da pesquisa e do desenvolvimento científico. As instâncias superiores e avaliadoras devem ser politicamente sensibilizadas, nesse sentido.
- Sobre a biblioteca, houve um comentário quanto à regra de que as obras da “seção Sergipe” não podem ser retiradas daquele espaço e, portanto, lê-las, na biblioteca, se tornou (ou se torna) um problema. Imagino que a situação da pandemia tenha reforçado essa dificuldade, menor ou inexistente em circunstâncias anteriores. De toda maneira, para qualquer sugestão, seria preciso, da minha parte, conhecer as regras da Biblioteca da UFS. Sequer tenho a informação se as obras de tal seção são obras raras, o que tornaria a ação da biblioteca acertada. Anoto o comentário tão somente para conhecimento da coordenação e providências, se for o caso.
- Houve comentário quanto ao direcionamento dos eventos, cuja força reside em temas sobre colônia. Foi solicitado que se considerassem as temáticas de raça, gênero, sexualidade e outras pertinentes à historiografia contemporânea.

- A avaliação solicitada ao final da disciplina também surgiu como tema entre os alunos. Foi apontado que, não raro, os trabalhos finais não contribuem com uma reflexão sobre as pesquisas em desenvolvimento. Assim, os discentes se sentem sobrecarregados e fazem trabalhos finais que não agregam às suas respectivas dissertações. Diante da cobrança para publicação, dirigida em especial aos bolsistas, realizar trabalhos que não agregam aos temas ou não frutificam em artigos, futuros que sejam, foi avaliado como um esforço frustrante e desgastante. Também houve quem apontasse o pouco tempo de curso, o que, por sua vez, não permite articular a maturidade da pesquisa à prontidão para publicação. A respeito desse tema, a associação entre disciplinas e publicação, eu penso que alguns problemas apontados não conseguem ser sanados sem uma mudança no sistema, que devia, no âmbito das Ciências Humanas, considerar 30 meses como prazo oficial para a formação sólida no Mestrado. Essa é uma parte da questão, parte que depende de defesa política em variadas instâncias, internas e externas à universidade. A segunda parte, em minha opinião, pode ser resolvida, por meio do diálogo com os docentes. Os trabalhos finais precisam ser considerados como um resultado do andamento da pesquisa dos discentes. Se a linha, os projetos de pesquisa (dos docentes e dos discentes) e as disciplinas (no que tange à oferta e à escolha dos discentes) estiverem alinhados, é possível encontrar meios para que o trabalho final associe a bibliografia e a temática da disciplina ao projeto/pesquisa do aluno. Fundamental é considerar que o discente lida com sua primeira atividade mais concentrada de pesquisa (além da redação para comunicação de sua trajetória e resultados), com outras demandas do Programa e com um tempo de titulação de 24 meses. Em razão disso, o planejamento deve convergir para o melhor aproveitamento de sua formação, considerando, sobretudo, o tempo.
- Foi sublinhado pelos alunos o trabalho do PROHIS para alcançar o conceito 4, com o qual eles somam esforços. Para alguns deles, um Doutorado na UFS é a única possibilidade para dar sequência aos estudos de pós-graduação. Portanto, como grupo, afinados aos docentes, eles trabalham para a subida de estrato e guardam expectativa com a avaliação deste quadriênio.

2.6. Considerações finais

Durante este relatório, busquei demonstrar que: (1) pela leitura dos documentos e pela visita in loco, o PROHIS organizou-se estrategicamente, buscando responder às críticas da última avaliação, visando a alcançar o conceito 4; (2) a autoavaliação, de minha perspectiva, parece bem direcionada: além de não ser a primeira vez que o Programa recebe uma avaliadora externa e de ter realizado a escolha de instrumentos autoavaliativos e os aplicado, a normativa da POSGRAP é orientadora e prática, no sentido de efetivar a autoavaliação dos Programas stricto sensu da UFS; (3) os diferentes corpos – discentes e docentes, já que o corpo técnico se restringe a uma funcionária terceirizada – que integram o Programa estão, coletivamente, envolvidos

para melhorar a avaliação do Programa, o que significará poder levar adiante a proposta de abertura do Doutorado; (4) há ciência coletiva dos pontos fortes e fracos do Programa, pelo que pude reter das reuniões realizadas.

Levando em conta que, ao longo do relatório, fiz comentários e sugestões, neste momento, gostaria apenas de registrar outras poucas observações tópicas. Isso posto, sugiro:

- a montagem de uma Comissão de Egressos, que trate, conforme as séries avaliativas avançarem e permitirem, do perfil dos egressos, à luz da formação, o que significa avaliar os alunos, desde sua entrada no PROHIS;
- a inserção da autoavaliação como pauta nas reuniões ordinárias da Coordenadoria, propondo temas afins, ao longo do quadriênio, e promovendo uma dinâmica que colabore com o planejamento do Programa;
- a verificação do aspecto da página institucional do Programa na internet – considere-a pouco “amigável” e poluída de informações;
- aproveitamento da relação potencial entre a presença de professores de outras áreas e a realização conjunta de trabalhos técnicos de impacto para a sociedade sergipana.
- Por fim, compartilho com a Coordenação do PROHIS, o relatório de Planejamento Estratégico e Projeto de Autoavaliação (2021-2024), produzido PPGH-UFG, a pedido de nossa Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PRPG/UFG). Tal documento pode ser acessado na página do PPGH: <https://pos.historia.ufg.br/p/6796-resolucoes-e-regulamentos>. Sem mais para o momento, coloco-me à disposição dos colegas, para esclarecimentos e/ou futuras parcerias.

Fabiana de Souza Fredrigo

Professora Associada da FH da UFG e credenciada no PPGH da UFG

Encaminhamentos para planejamento de ações estratégicas

Considerando a avaliação quadrienal CAPES (2012-2016), assim como o processo de autoavaliação realizado em 2021, podemos estabelecer sete eixos de ações estratégicas do Programa: Estímulo à Produção Intelectual Discente; Estímulo à Produção Docente em Periódicos dos Estratos Superiores; Estímulo a capacitação docente por meio da realização de estágio pós-doutoral em IES nacionais e internacionais; Aperfeiçoamento das Informações sobre o Programa na Página da Internet; Readequação da Natureza de algumas Ações Acadêmicas e Formas de Interação com a Comunidade; Realização Periódica da Autoavaliação do Programa; e Infraestrutura.

Comissão de Autoavaliação do PROHIS